

HADERCHPEK, Robson Carlos. *Aboiá*: Teatro-Ritual e Física Quântica. Natal: UFRN. Professor Adjunto; Coordenador do Curso de Teatro. Ator e diretor.

## RESUMO

O presente trabalho aborda o processo de criação do espetáculo teatral “Aboiá” criado pelo Arkhétypos Grupo de Teatro da UFRN a partir de uma investigação acerca das mitologias da terra e da cultura sertaneja. O espetáculo “Aboiá” fala da terra, do sertão, das crenças e dos mitos que habitam o imaginário do povo nordestino. Um espetáculo quântico e anacrônico, que subverte a palavra em detrimento da musicalidade e da produção gutural do som, expandindo para o corpo do ator o conceito de neologismo proposto por Guimarães Rosa. “Aboiá” é fruto de um ano e meio de pesquisa e tem como foco o Teatro-Ritual e a Física Quântica. A pesquisa buscou estabelecer relações entre os fenômenos teatrais e os fenômenos quânticos, tecendo paralelos entre a cena quântica (BRITO, 2004) e a física quântica (GOSWAMI, 1998). Para tanto foi utilizada uma metodologia quântica, pautada na *experiência*, nos *insights* e no estudo dos fenômenos contando ainda com uma rigorosa pesquisa bibliográfica sobre o tema e com uma constante prática-laboratorial. O espetáculo estreou em maio de 2013 e fez duas temporadas em Natal/RN, uma em João Pessoa/PB e uma em Viena/Áustria.

**Palavras Chave:** Teatro-Ritual. Processo de Criação. Física Quântica.

## ABSTRACT

The present article discusses the creative process of the theater play “Aboiá” created by Arkhétypos Group of Theater, of Federal University of Rio Grande do Norte from a research about the land mythologies and country culture. The play “Aboiá” talks about the land, the backcountry, the myths and beliefs that inhabit the imagination of this people. A quantum and anachronic spectacle, that subverts the word and emphasize the musicality and the guttural production of the sound, expanding to the body of the actor the concept of neologism proposed by Guimarães Rosa. “Aboiá” is the result of a research realized through one year and a half and there is focuses on Ritual-Theater and Quantum Physics. The research aimed to establish relationships between the theatrical phenomena and quantum phenomena, weaving parallels between quantum scene (BRITO, 2004) and quantum physics (GOSWAMI, 1998). For the research a quantum methodology was used, based on the *experience*, *insights*, the study of phenomena, and also a rigorous bibliographical research on the subject and a constant practical laboratory. The theater play premiered in May 2013 and was presented in Natal/RN, João Pessoa/PB and Vienna/Austria.

**Keywords:** Theater-Ritual. Creation Process. Quantum Physics.

O processo de criação do espetáculo “Aboiá”, segundo trabalho coletivo do Arkhétypos Grupo de Teatro da UFRN, teve como ponto de partida as mitologias da terra, do sertão e dos boiadeiros, e durante o processo de pesquisa o grupo foi se norteando por princípios da física quântica e do teatro ritualístico.

Segundo Jerzy Grotowski, um dos principais referenciais deste trabalho:

O teatro era (e permaneceu, mas em um âmbito residual) algo como um ato coletivo, um jogo ritual. No ritual não há atores e não há espectadores. Há participantes principais (por exemplo o xamã) e secundários (por exemplo, a multidão que observa as ações mágicas do xamã e as acompanha com a magia dos gestos, do canto, da dança etc.).

O princípio da co-participação, do cerimonial coletivo, do sistema de signos favorece a criação de uma certa singular aura psíquica e coletiva, da concentração, da sugestão coletiva; organiza a imaginação e disciplina a inquietude. (2007, p.41)

Para Grotowski, o teatro se traduz na *arte do encontro*, encontro entre seres humanos que se colocam juntos para uma experiência coletiva. Neste sentido, o fazer teatral do Arkhétypos Grupo de Teatro da UFRN, se espelha nestas reflexões para construir um teatro-ritual vivo e pulsante na cidade de Natal/RN. O Grupo busca promover encontros, entre os fazedores de arte, entre as pessoas que acompanham as ações “mágicas” do jogo ritual e entre os mitos e arquétipos que permeiam o nosso universo simbólico imaginário.

No processo de criação do espetáculo “Aboiá”, o Grupo Arkhétypos mergulhou em incessantes laboratórios criativos, e do encontro entre 12 atores imersos nestes laboratórios nasceram histórias, personagens e um sistema de signos que se apresentou vivo e pulsante no jogo ritual. Após um ano e meio de pesquisa, em maio de 2013 o espetáculo estreou, fez duas temporadas em Natal/RN, uma em João Pessoa/PB e recebeu um convite para se apresentar em Viena na Áustria.

Desde o momento dos laboratórios o espetáculo tem se mostrado arrebatador; ele arrebatou os atores, o diretor, o assistente de direção, o diretor musical, o iluminador, a figurinista, a responsável pela concepção da maquiagem, e todos aqueles que se aproximaram do grupo. O trabalho funcionou como um rodadoiro atraindo gente para o centro da ventania, como um átomo que atrai os elétrons para sua órbita e os fazem girar ao redor de seu núcleo. O mesmo vem acontecendo com o público durante as apresentações, ou melhor, no momento dos *encontros* proposto pelo jogo ritual.

O espetáculo “Aboiá” subverte a utilização da palavra em detrimento de uma fala desconstruída e de uma musicalidade que se expande para o corpo do ator resignificando o conceito de *neologismo* proposto por Guimarães Rosa. No decorrer do espetáculo, a fala rápida e desarticulada do povo sertanejo, irrompe a cena e dança escorrendo pelos corpos dos atores, gerando novos significados. O espetáculo passa a ser compreendido não mais pelo viés do

racional, mas pelo sentido dos corpos, dos sons e das imagens que colapsam diante do público.

Ao longo do processo os atores foram estimulados com sons, com imagens, com filmes e com trechos de obras literárias e tudo isso colapsou no corpo das personagens que contam essa história. Todo o trabalho foi concebido a partir da lógica da *experiência* e dos *insights*, daí a influência decisiva da física quântica.

Utilizamos como base para nossas reflexões os estudos do pesquisador Amit Goswami, Ph.D. em física quântica pela Universidade de Calcutá, Índia, e autor de diversos livros sobre o assunto. Em seu livro *O Universo Autoconsciente* (1998), Amit Goswami lança a premissa metafísica de que é a consciência, e não a matéria, a base de toda a existência.

Goswami (1998) inverte o paradigma da física clássica pautada no realismo materialista apresentando-nos o *idealismo monístico* e colocando em xeque a visão dualista de mundo que divide a realidade em matéria e consciência. Na física quântica tudo, inclusive a matéria existe na consciência: “Em outras palavras, em vez de postular que tudo (incluindo a consciência) é constituído de matéria, esta filosofia postula que tudo (incluindo a matéria) existe na consciência e é por ela manipulado” (p. 30). Partindo deste princípio, a realidade só se torna possível a partir do ponto de vista de um observador, de alguém que manifesta a consciência sobre algo.

De acordo com Werner Heisenberg: “A trajetória de um elétron só aparece quando o observamos” (*apud* GOSWAMI, 1998, p. 62). Por isso, quando comparamos o processo criativo do espetáculo “Aboiá” com a estrutura de um átomo, trabalhamos sob a perspectiva de uma energia agregadora, de um encontro de mundos e de partículas que fazem colapsar uma realidade, que só se faz real a partir da *experiência*, da consciência daqueles que participam do ato coletivo de celebração e de comunhão do jogo ritual.

O espetáculo “Aboiá” se estrutura a partir da circularidade, durante os laboratórios o espaço espetacular foi se delineando circular, as relações entre as personagens também começaram a acontecer de forma cíclica transportando o público para um espaço tempo quântico, atemporal e a-sequencial. Quem dá sentido para a cena é o observador, quem cria a realidade é o público e é ele que organiza os signos presentes na encenação, construindo um sentido para as histórias contadas na relação entre os atores e os demais elementos da cena. A cena colapsa diante do espectador e se torna real.

Convencionamos assim um espaço-tempo cênico quântico, um espaço cênico que é definido pelo pesquisador teatral Rubens Brito (2004), em sua tese de livre docência:

Espaço-tempo cênico quântico é o *espaço-tempo cênico relativo*<sup>1</sup> que se apresenta de forma a-sequencial, proporcionando assim um espetáculo um espetáculo diferente para cada um dos espectadores.

<sup>1</sup> O espaço-tempo cênico relativo “é o palco ou área de atuação cujas posição e distância serão percebidas de maneiras diferentes por todos os espectadores proporcionando assim vários pontos de vista do público sobre ele, e cuja medida de intervalo de tempo do espetáculo será diferente para cada espectador, em qualquer mensuração” (BRITO, 2004, p. 163-164).

(...) Para caracterizar um espaço-tempo cênico quântico é necessário que as cenas que compõem um espetáculo – que se utiliza de um espaço-tempo cênico relativo – sejam apresentadas e/ou concebidas pelo público de forma não sequencial. (p. 164).

Daí resulta o que Rubens Brito (2004) denomina de *cena teatral quântica*. E partindo deste modelo, deixamos as imagens do espetáculo colapsarem diante do público, colocando-o como co-autor da cena, como participante do jogo ritual, seguindo a proposta de Grotowski.

No espetáculo “Aboiá”, não há uma trama central e muito menos uma história linear, as tramas surgem das relações entre os atores, que seguem um roteiro, definido depois de várias experimentações, e o público lê as histórias que colapsam diante dele, construindo para si o sentido da cena e resignificando a *experiência*. É neste momento que se dão os *insights*, e os saltos quânticos.

Para Goswami (2008): “*Insight* é o surgimento da nova ideia, a mudança de contexto. É um salto quântico de pensamento, sem a passagem pelos estágios intermediários” (p. 32). Quando se coloca dentro da *experiência*, como sujeito participante do cerimonial coletivo, o público cria consciência da realidade cênica e passa a fazer as conexões entre as imagens lidas nos corpos dos atores, a fala desconstruída, as músicas e o espaço-tempo cênico relativo, produzindo assim os *insights*.

Vale ressaltar que durante o processo criativo, os atores também se permitiam descobrir as cenas através dos laboratórios e tudo se organizava como se estivesse dentro de um grande útero, repleto de *insights*.

Após sete meses de trabalho as cenas deixavam aflorar resquícios das obras de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, expandindo para o corpo dos atores o conceito de neologismo proposto pelo primeiro. Temos por exemplo no espetáculo, uma mulher que procura incessantemente a sua cachorra Baleia e isso não foi previamente pensado, foi algo surgiu nos laboratórios. Temos também no espetáculo um menino chamado Miguilim, que não é o mesmo concebido por Guimarães Rosa, mas que vivencia uma morte simbólica, retomando o mito da história original.

O processo foi revelando dois tipos de personagens, os personagens humanos: os vaqueiros Malaquias e Matheus, o Doido da Praça, Candura, a Velha Benta, Maria Rosalinda, o Menino e o Suicida, e os personagens míticos: o Diabo, A Morte, A Mulher Morta e o Boi-Encantado. O Diabo possui uma função importante na trama, é ele junto com a Morte, que movimenta os personagens, é ele também que desperta o inferno dentro de cada um e gera toda a ação.

Todas essas histórias saltam do *inconsciente coletivo* (JUNG, 2000) e colapsam em cena, diante do público, e por mais que este não reconheça todos os personagens, há algo dessas mitologias sertanejas que fica na consciência do observador. As músicas presentes o tempo todo nas cenas da festa, da procissão e das narrativas pessoais, também transbordam de significado quando imersas no contexto das cenas e geram os *insights*, revelando ao público um universo de possibilidade e colocando-o como co-participante do ato teatral.

O espetáculo “Aboiá” foi contemplado como Prêmio Myriam Muniz de Teatro 2012 – Categoria Montagem e circulou por duas capitais do Nordeste, sendo convidado para se apresentar na Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena na Áustria (junho 2013). Na ocasião os atores puderam comprovar que a linguagem do espetáculo é universal, pois, logo após a apresentação as pessoas vinham emocionadas cumprimentar o Grupo e dizer o quanto o espetáculo lhes tinha tocado.

Uma fala que ainda ecoa em nossos ouvidos é esta: “este universo de vocês também é um pouco nosso”. Tal comentário apareceu outras vezes, dito de outras maneiras, mas sempre carregando o mesmo sentido de identificação e pertencimento. É interessante perceber que as nossas histórias aqui do sertão do Rio Grande do Norte eram um pouco deles também e podiam colapsar do outro lado do mundo.

Por fim, o espetáculo “Aboiá” mostrou na prática que é possível estabelecer um diálogo entre o Teatro-Ritual e a Física Quântica e a partir desta relação desenvolveu uma proposta cênica contemporânea articulando antigos e novos conceitos demonstrando que a Física Quântica é uma excelente fonte de inspiração para a criação teatral e para a reinterpretação do mundo.

## REFERÊNCIAS

- BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator**: Dicionário de Antropologia Teatral. São. Paulo: É Realizações, 2012.
- BRITO, Rubens José Souza. **Teatro de Rua - Princípios Elementos e Procedimentos**: A contribuição do Grupo de Teatro Mambembe (SP). Campinas, SP: [s.n.], 2004. Tese de Livre Docência, UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. “O conceito de cena teatral quântica e a criação de uma dramaturgia quântica”. In: **ABRACE IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**, 2006, Rio de Janeiro. Memória Abrace IV. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 42-43.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- FRITJOF, Capra. **O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. São Paulo: Cultrix, 2011.
- GOSWAMI, Amit. **O Universo Autoconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A Física da Alma**: a explicação científica para reencarnação, imortalidade e experiências de quase-morte. São Paulo: Aleph, 2008.
- GROTOWSKI, Jerzy; POLASTRELLI, Carla; FLASZEN, Ludwik. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro, Editora Perspectiva, 2007.
- HADERCHPEK, Robson Carlos. **A poética da direção teatral**: O diretor-pedagogo e a arte de conduzir processos. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



MARIZ, Adriana Dantas de. **A Ostra e a Pérola: Uma visão antropológica do Corpo no teatro de Pesquisa.** São Paulo: Perspectiva S.A, 2008.

QUILICI, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud: Teatro e Ritual.** São Paulo: Ed. Annablume; Fapesp, 2004.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura.** Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 2013.